

VOO LIVRE

revista literária

Ano 1
Nº 8

**Rita Queiroz
em plenitude,
suas histórias,
suas inspirações...**

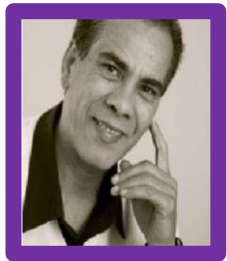
Sumário



6 Reportagem de Capa:
Ela, Rita Queiroz



16 Os minicontos da gaúcha
Joselma Noal



20 Poesia com Monica
Abate e José Rothadi

24



O primeiro livro de canalizador
francês chega ao Brasil

40



Por Quê? Livro infantil da Mirian
Menezes de Oliveira

52



Estréia: Tirinha do Tom Dutra

Editorial	4
Reportagem de Capa	6
Minicontos	16
Poesia	20
Lançamento	24
Coluna do Eliaquim	26
Dicas da Adriana	30
Coluna de Dias Campos	34
Espaço Infantil	44
Série Literária: Final	46
Tirinha do Tom Dutra	52

Divulgação

3º Prêmio Literário Afeigraf 2021

Categoria: Poesia
Tema: Livre

Inscrições até 31 de Julho de 2021

Regulamento, inscrições e premiação
no site da SCORTECCI
www.scortecci.com.br



Afeigraf

Associação dos Agentes de Fornecedores de
Equipamentos e Insumos para a Indústria Gráfica

www.afeigraf.org.br

O prêmio literário tem por objetivo prestigiar a literatura brasileira e descobrir novos talentos com a publicação em antologia dos trabalhos selecionados. É da expertise da entidade patrocinadora, fornecedora de tecnologia para o mercado gráfico, promover através da comunicação gráfica o conhecimento sustentável da cultura impressa.

GRUPO
EDITORIAL
SCORTECCI

www.scortecci.com.br
(11) 97548-1515

Editorial



Nosso número 8

O que faço? Eu escrevo... Do acordar ao dormir. A escrita me alegra e me faz companhia.

Escrevo quando a saudade vem; escrevo para espantar a tristeza, escrevo para acolher a alegria.

Eu escrevo para testemunhar o que vivo a cada dia, isso me torna plena. Assim como eu, os escritores reunidos nesta edição da Revista também vivem para escrever, escrevem para viver, ou vivem escrevendo, como queiram.

Qualquer que seja a intensão, uma escrita livre, poética, solidária, criativa, inspirada, jornalística, apaixonada, feita com imagens, palavras, emoções ou denúncias, não importa. Aqui estão todos eles em suas expressões mais autênticas.

Escrever é o que nos move adiante, nos permite refletir sobre a vida, seja ela material ou espiritual. E, nesta edição, garanto que você vai ver de tudo. O pacote está completo.

E a gente gosta de escrever porque sabemos que você vai ler, comentar e compartilhar. Fazemos tudo isso por você, nosso leitor.

Não perca mais tempo, folheie as páginas, mais coloridas desta vez, e se surpreenda....

Boa leitura!

Escrever é fácil. Você começa com uma letra maiúscula e termina com um ponto final. No meio você coloca a ideia.

Pablo Neruda.

Marina Marino
Escritora, editora, livreira





Nossa Capa

**Aldirene Entrevista
Rita Queiroz**

Por Aldirene Máximo

Aldirene: Você é filóloga, professora universitária e escritora. Conte - nos um pouco sobre o seu amor pelas letras.

A partir do momento em que aprendi a ler e a escrever que o gosto pelas letras só fez crescer. Sempre gostei muito de ler. Lia histórias em quadrinhos, fotonovelas (adorava, conheci os etruscos a partir de uma fotonovela italiana), romances. Escrevia cartas para os familiares que haviam se mudado para São Paulo. Na adolescência, conheci as obras de Jorge Amado, Vinícius de Moraes, Cecília Meireles, Paulo Mendes Campos, Rubem Braga, Carlos Drummond de Andrade. Tive uma professora de literatura que me fez conhecer esses e outros autores. Quando fui me inscrever para o vestibular, marquei apenas a opção Letras Vernáculas, sendo a primeira, a segunda e a terceira escolha. Na universidade, cursando Letras, conheci outros autores, como Clarice Lispector, Rachel de Queiroz, Lygia Fagundes Teles, Autran Dourado. No entanto, me dediquei mais aos estudos linguísticos do que aos estudos literários. Disciplinas com vertente histórica, como Filologia e História da língua, me encantavam. Além dessas, também me interessei pelos estudos fonológicos.

Aldirene Máximo é poeta, escritora, antologista.

É também a colunista da Voo Livre Revista Literária que responsável pela coluna Aldirene Entrevista.

Nesta edição, Aldirene entrevista Rita Queiroz



Mas, fui me especializando em Filologia, tendo feito mestrado e doutorado na área. Contudo, a literatura me acompanhava, pois no mestrado estudei a obra do poeta baiano Arthur de Salles, fazendo o estudo filológico dos sonetos. No doutorado, recuei no tempo e estudei três tratados medievais portugueses e tive a oportunidade de ganhar uma bolsa e passar 4 meses em Lisboa, pesquisando na Biblioteca Nacional e na Universidade Nova de Lisboa. Foi uma experiência fantástica!

Antes de ingressar no mestrado, comecei a ensinar na universidade, fazendo primeiro seleção para professor substituto e depois de 3 anos, prestei concurso para ser efetiva. A disciplina objeto do concurso foi Filologia Românica, a qual lecionei na Universidade do Estado da Bahia (UNEB) e na Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), onde também me dediquei à pesquisa e à pós-graduação em Estudos Literários e em Estudos Linguísticos.

Passei anos me dedicando à carreira acadêmica, escrevendo artigos, capítulos de livros, livros, participando de seminários, congressos, encontros, simpósios. A escrita literária havia ficado lá no

passado, nos anos iniciais do curso de Letras.

A partir de 2015, a escrita me salvou de uma depressão após o fim de um relacionamento de 12 anos. Escrevia o que sentia e postava no *Facebook*. Os comentários foram encorajadores e um dia uma ex-aluna escreveu: está nascendo a poeta? Acho que a poeta estava adormecida e acordou. Assim cheguei até aqui.

Para mim, o curso de Letras é completo, pois podemos ir para todas as áreas do conhecimento. Estudar língua e literatura é conhecer o mundo. É viajar. É sonhar. É transcender. Sempre passei esse amor para os alunos e as alunas. Viva as Letras, sejam estas nacionais ou estrangeiras!

Aldirene: Em seu livro "Canibalismos", encontramos o desejo voraz de alimentar o corpo, a alma e o espírito. Fale um pouco sobre esse projeto.

Esse projeto surgiu com uma postagem que fiz no *Facebook* e intitulei "Canibalismo I". Depois postei o II e o III. Aí começaram os comentários: estou esperando o próximo. No grupo da Confraria

Poética Feminina, as autoras me incentivaram a continuar. Fui escrevendo e pensei que iria até o 20. Resolvi ir até o 50. Postava sempre 1 por dia, e as meninas diziam: qual o próximo? Pensei: vou até o 100. Como estava de férias, na praia, continuei escrevendo e escrevi 152 canibalismos. As meninas da Confraria me incentivaram a publicar em livro. No mês de abril de 2017, enviei para o editor da Penalux e ele ficou de avaliar. Isso foi em uma sexta-feira. No sábado pela manhã, ele já havia me respondido que estava aprovado. Corri atrás das pessoas para fazerem prefácio, texto da orelha e convidei um amigo para fazer ilustrações. Os canibalismos são micro poemas erótico-amorosos, de leitura fácil e rápida e trazem o desejo de unir corpo e alma, em um enlace infinito.

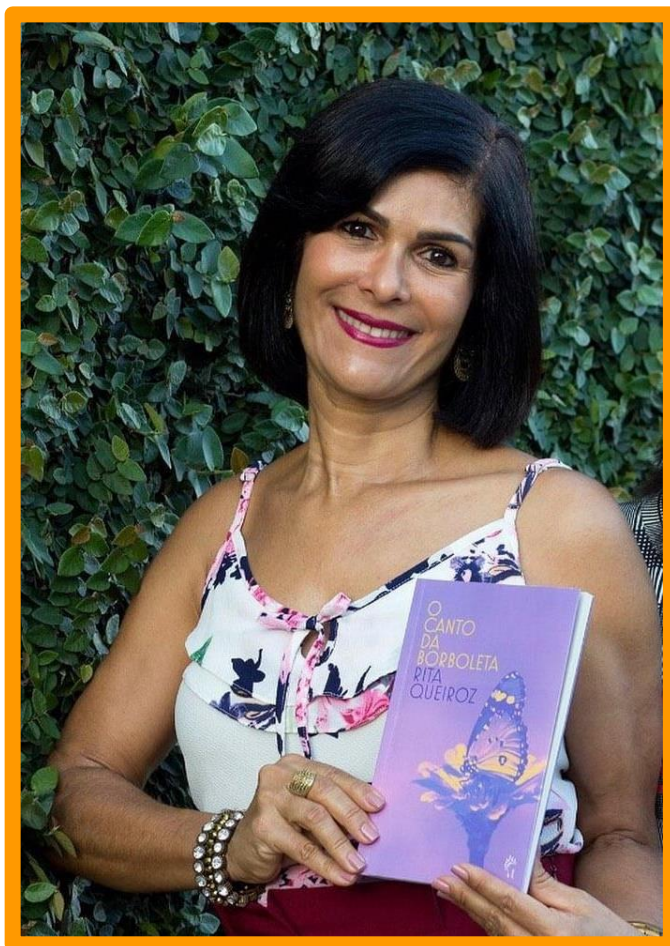
Aldirene: Você ama borboletas e tem alçado lindos voos com a literatura. "O canto da borboleta" traz muita inspiração para autoras iniciantes. Qual poema é o mais especial dessa obra e por quê?



Os livros são como filhos, amamos todos e não sabemos dizer qual o preferido. Assim são os poemas. Em *O canto da borboleta* há poemas especiais, escritos com toda a emoção que flui do corpo e da alma. Há aqueles que simbolizam momentos especiais, sejam estes alegres ou tristes. Destaco os seguintes poemas, escritos em momentos marcantes: “Borboleta”, “Vazio”, “Mortificare”, “Memórias perdidas”.

Aldirene: "Confissões de Afrodite" nos presenteia com poemas mais calientes e sensuais. Aquelas paixões arrebatadoras que nos fazem ir ao céu e voltar. Você também tem poemas mais inocentes, publicados em seus livros infantis. Qual foi o trabalho mais desafiador: "Confissões de Afrodite" ou "Ciranda, cirandinha: vamos brincar com poesia?", ambos publicados em 2019?

Escrever poemas eróticos ou infantis é desafiador sempre. No entanto, escrever para o público infantil requer mais cuidados, principalmente com o vocabulário. Escrever para o público adulto uma obra como *Confissões de Afrodite* não causa problemas, pois temos a consciência do que estamos dizendo e as reações que podem causar.



Escrever para crianças é um resgate de nossa infância. É voltar no tempo, reviver memórias. Comecei a escrever poemas infantis quando participei das coletâneas *Meus Poemas Infantis I e II*, da Editora Darda, em 2017 e 2018. Não parei mais. É sempre um desafio pensar como as crianças pensam, tentar colocar no papel o que elas gostariam de ler. O universo infantil é rico. As crianças são muito sábias e sinceras. Agradá-las é instigante.

Aldirene: "Velas ao vento" fala sobre a relação poeta - poesia - mar. Você foi homenageada no livro: "O sonho de Ritinha", um livro infantil da escritora Palmira Heine. Por quais mares sua escrita ainda não navegou e por quê?

Sou nascida em Salvador, uma cidade litorânea. Cresci indo à praia, banhando-me nas águas da Baía de Todos os Santos. *Velas ao vento* é um tributo às águas, sejam estas doces ou salgadas. O livro está dividido em três partes (Epifania das águas, Marinhas e Confluências), cada uma delas ilustrada com um desenho do amigo Antônio Wilson (o mesmo que ilustrou *Canibalismos*) e com epígrafes bíblicas e trechos de composições de Dorival Caymmi, Jorge Amado, Gerônimo, dentre outros, as quais falam da força das águas e de sua importância vital.

A amiga Palmira Heine colocou meu nome para a personagem do seu livro, a qual é uma menina que sonha em ver o mar e em suas águas se banhar. Nesse aspecto, Ritinha se diferencia de mim, pois desde bebê meus pais me levaram à praia. Mas ela se assemelha no sentido de que o mar, como elemento simbólico, também me leva a construir sonhos, os quais deslizam por suas águas e viajam para outros continentes, ancorando em outros portos.



Minha escrita ainda não navegou pelas águas ora calmas ora turbulentas da prosa. Sonho em escrever textos mais densos, mais volumosos. Ainda me falta fôlego, mas um dia chegarei lá.

Aldirene: Fale um pouco sobre seu livro: "Colheitas" e as sementes que a literatura te permitiu plantar.

O livro *Colheitas* é fruto de um concurso da Editora Darda para o projeto "Saudade & Poesia". Enviei os poemas, fui selecionada e, ao final, para minha surpresa, fiquei em primeiro lugar. A premiação era a publicação de um livro com 30 poemas. Fiz a seleção dos textos, pedi ao amigo Antônio Wilson para fazer a ilustração da capa e à amiga Andréa Santos para fazer o texto do prefácio. Mande para a editora. A publicação saiu no mesmo ano do livro *O canto da borboleta*.

As sementes que venho plantando têm me rendido muitos frutos maravilhosos. Conheci escritoras e escritores do mundo inteiro, participado de diversas coletâneas, publicado em revistas nacionais e estrangeiras, interagido nos grupos de poesia do *Facebook*, estabelecido amizades lindas, com destaque para duas especiais com as escritoras Aldirene Máximo e Marta Cortezão, além de outras pessoas incríveis com as quais tenho me relacionado como Jullie Veiga, Chris Hermann, Patrícia

Cacau, Maria Tereza Moreira, Sandra Regina de Souza, Nereide Santa Rosa, Vanessa Ratton, Marina Marino, Luciene Avanzini (quem me levou para o Grupo Ciranda Poetrix), Adriana Mayrinck, Sandra Susana, Paula Valéria Andrade, Jeovania P. (peço desculpas se deixei alguém de lado, mas todas fazem parte da minha vida e têm meu carinho e meu respeito). Além disso, em 2020 participei da premiação da Focus Brasil New York, ficando entre as 10 mais votadas na categoria escritor de ficção. O que me levou também para a Academia Internacional de Literatura Brasileira – AILB.

Aldirene: "Ciranda, cirandinha: vamos brincar com poesia?" é um convite a visitarmos nossa infância. A partir dele, você iniciou um projeto lindo de contação de histórias para crianças. Fale um pouco sobre esses projetos.

A partir da publicação de *Ciranda, cirandinha: vamos brincar com poesia?* começaram a surgir os convites para ir para as escolas e festas/feiras literárias, inevitavelmente, a contação de histórias estava atrelada. 2019 foi um ano bem produtivo nesse sentido.



Lançamento *Elas e as Letras II* Casa das Rosas, em São Paulo

Em 2020, com a pandemia, tudo foi suspenso. Em decorrência disso, comecei a gravar vídeos contando histórias, minhas e escritas por outros autores. No segundo semestre, muitos eventos literários tiveram suas versões virtuais e pude apresentar minhas histórias.

Espero que em 2021 possamos voltar à vida “normal” e podermos ir às escolas, levar as histórias para as crianças, interagir presencialmente.

Aldirene: “Bordado de Sonhos” é um livro mágico. Como surgiram os nomes dos personagens?

Escrevo intuitivamente. Os nomes me vêm à mente e vejo se fazem sentido com o texto ou se rimam. “Leleca”, por exemplo, veio para rimar com sapeca. “Amajuva” foi fruto de pesquisa, pois queria um nome relacionado com chuva.

Aldirene: Você também é antologista. Entre tantos trabalhos publicados, os que mais se destacam são os livros com os coletivos: "Confraria Poética Feminina" e "Caliib". Como você se sente ao organizar projetos que incentivam mulheres a divulgarem seus textos ao mundo?

Todo esse trabalho começou com a Confraria Poética Feminina. Postava meus textos no *Facebook* e algumas amigas começaram a comentar e a postarem também. Isso em 2015. Passamos a discutir sobre autoria feminina e o espaço ocupado pelas mulheres na literatura. Decidimos criar o grupo e no dia seguinte eu já tinha feito isso no *Facebook*. Aos poucos o grupo foi crescendo, com o ingresso de outras autoras que nunca tinham publicado. Nos desafiamos em meses já estávamos pensando no livro, o qual foi publicado em 2016, com 12 autoras, cada uma com 10 poemas. Essa experiência abriu as portas para outras antologias e outros movimentos de mulheres escritoras. Entre nós da Confraria há sempre um incentivo, uma dando força à outra para os projetos coletivos e individuais.



Assim, em 5 anos, já fizemos muitas ações e publicações: 1 agenda poética, 3 antologias de poemas, 1 antologia de prosa (para o público adulto), 1 antologia para o público infantojuvenil, caneca, botons e muitas participações em festas e feiras literárias, tais como a Flip, a Fligê, a Flica, dentre outras.

Aldirene: Você é coautora do projeto "Sonhos de Criança". Qual "Sonho de Criança" ainda não realizou?

O sonho de criança é seguir sendo criança, dando asas à minha imaginação, deixando tudo fluir com o vento que faz florescer o cosmos.

Aldirene: Deixe um recado às amigas que escrevem, porém, ainda não divulgaram seus textos ao mundo.

Só posso dizer que escrevam e que lancem tudo ao mundo. Sempre haverá quem seja tocado pelos nossos textos.



A colunista Aldirene Máximo e a escritora Rita Queiroz



Minicontos

Duzentos
de Joselma Noal

Por Marina Marino

Em vez de mostrar, ele sugere...

Em vez de explicar, ele deixa o leitor entender...

Em vez de contar, ele abre possibilidades...

Em vez de criar todas as elipses narrativas, ele dá oportunidade ao leitor de preencher o que há além das palavras, além da frase, além da história.

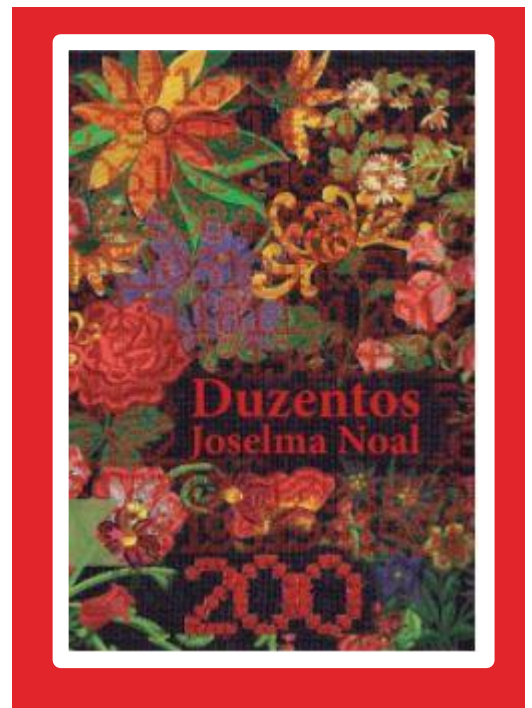
Assim é o miniconto, uma espécie de conto que se associa ao minimalismo.

A literatura pode não reconhecê-lo ainda como gênero literário à parte, mas o leitor quando se depara com ele, se apaixona.

Foi o que aconteceu comigo, depois que desembulhei o livro que chegou pelo correio e comecei a ler DUZENTOS...

Duzentos minicontos, organizados curiosamente em forma decrescente nas páginas do livro, pequenas também, para que tudo se enlace e harmonize.

A autora é **Joselma Noal**, escritora, professora de Língua Espanhola da FURG, tradutora pública juramentada, Doutora em História da Literatura da FURG.



Seu delicado discurso, que já prendeu minha atenção logo no primeiro conto, instigou-me a imaginar as histórias contidas, nas poucas linhas bordadas ali. Sim, parece um bordado, onde cada palavra é cuidadosamente traçada em favor do todo.

Em tempos de necessário silêncio da mente, as poucas palavras nos permitem imaginar com o coração.

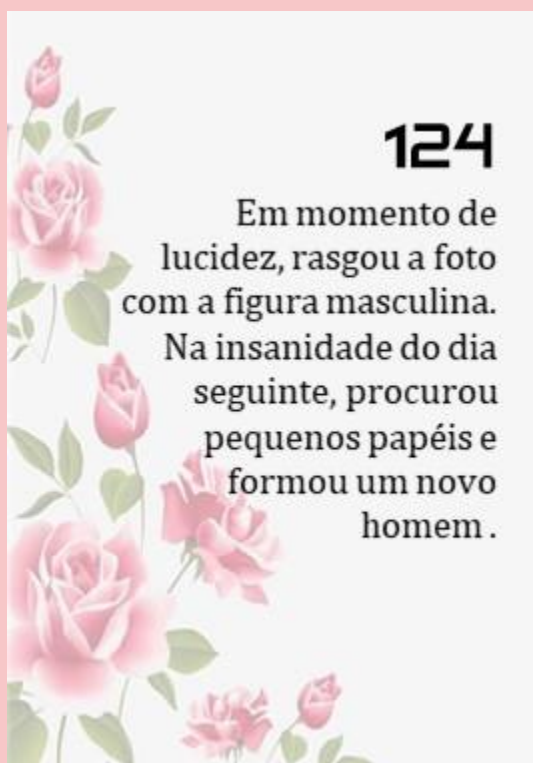
Selecionei alguns minicontos do livro da Joelma para você também ser instigado a imaginar, como eu fui...

Antes, porém, coloco aqui o texto introdutório do livro, explicando este gênero literário e sua história



198

Ao olhar o vai e vem
das ondas, voltou no
tempo e feito peixe
reaprendeu a nadar
seus sonhos de
meninice.



124

Em momento de
lucidez, rasgou a foto
com a figura masculina.
Na insanidade do dia
seguinte, procurou
pequenos papéis e
formou um novo
homem.

Pelos Caminhos da Mimificação

**Por Francilene Maria
Ribeiro Alves Cechinel**

No vasto território da Mimificação encontramos textos literários ficcionais em prosa, narrativos ou não, de dimensões reduzidas e diferentes gêneros, produzidos desde as mais remotas eras. Ao longo do século XX, porém, alguns desses textos passaram a explorar sua própria brevidade como forma de experimentação, de questionamento, de crítica, associando elementos das novas tendências e indo além dos limites até então desconhecidos.

Neste processo, a narração se condensa mais ainda e se esconde em meio aos silêncios da elipse ao mesmo tempo em que se amplia para dentro do leitor, através das poucas portas abertas e das múltiplas leituras que se concretizam mesmo após o ponto final. O caráter crítico se desdobra em todos os níveis, assume o comando e se insurge contra todo tipo de encarceramento: uma nova forma letrearia se impõe e seu foco já não é mais uma história, mas sim transformar nossa forma de pensar sobre aquilo que é “des-contado”.

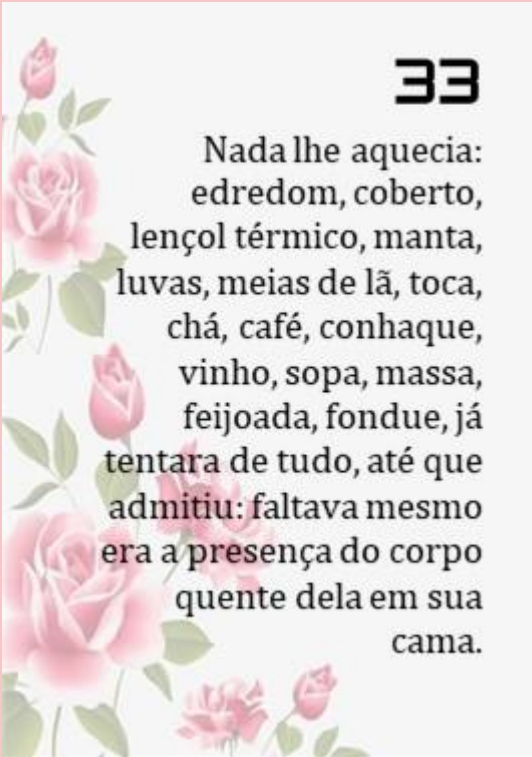
O livro DUZENTOS pode ser encontrado na Amazon e na loja da Editora Kazua

No Brasil, esse novo tipo de minitexto surge no final da década de sessenta e se consolida entre os anos setenta e oitenta, ocupando cada vez mais espaço nas publicações de autores como Rubem Fonseca, Dalton Trevisan, Elias José, Adriano Aragão, Péricles Prade, Marina Colasanti, Carlos Drummond de Andrade, Oswaldo França Junior e Helena Parente da Cunha. Porém, confirmando sua tendência a absorver o que a circunda e a transpor o que a imobiliza, a nova forma logo se transforma outra vez, incorporando parâmetros a partir dos anos noventa.

Em sua escala “micro”, a brevidade é medida por toques e caracteres e o foco textual se desvia do “contar” para o “presentificar”, explorando o texto mínimo os elementos que permitem tornar presente a realidade fugaz e indizível que nos circunda, surpreende e silencia. A narrativa se dilui em cenas instantâneas que, como flashes fotográficos, fazem disparar na mente do leitor a percepção de um cenário mais amplo contra o qual sua crítica se choca.

Com essa multiplicidade de contornos e de nuances, a Mimificação vem chamando atenção da crítica especializada e conquistando seu público leitor no Brasil. Impulsionada pelos meios virtuais e por uma nova safra de autores (entre eles Fernando Bonassi, Marcelino

33



Nada lhe aquecia:
edredom, coberto,
lençol térmico, manta,
luvas, meias de lã, toca,
chá, café, conhaque,
vinho, sopa, massa,
feijoada, fondue, já
tentara de tudo, até que
admitiu: faltava mesmo
era a presença do corpo
quente dela em sua
cama.

Freire, Leonardo Brasiliense e Ivana Arruda Leite), sua produção aumenta e se renova em consonância com as mais recentes tendências de nossa literatura. Em qualquer uma de suas variantes, entretanto, permanece a mesma essência: pelos caminhos da Mimificação somos impelidos a ler além do que lemos, a pensar além do que lemos e a romper sempre os limites que encarceram nossos pontos de vista.

Francilene Maria R A Cechinel

Mestre em Letras - História Literatura
(FURG) – Doutoranda em Letras –
História da Literatura (FURG)



Poesia

***Um poema
de Monica Abate Guglielmi***

João Pessoa

Andei, tão longe fui
Pra ver se te esquecia.

Convidei então o mar
Com seu verde-esmeralda
E deitei em águas mornas.

Vento salgado na pele
A varrer o pensamento
Que doidamente insistia.

Andei, tão longe fui
Pra ver se te esquecia.

Provei o umbu-cajá
Entre o doce e o azedo
Sentei sob a mangueira
E ouvi histórias da terra.

À noite, pessoas dançaram
Invejei sua alegria
Estava no meio delas
Me imaginando em teus braços.

Andei, tão longe fui
Pra ver se te esquecia.

Bebi do coco
Comi cuscuz na nata
Fiz marcas na areia
E deixei o sol queimar a pele.

Vi o riso fácil das morenas
Chamegando seus homens
Felizes como só elas
E senti falta de ti.

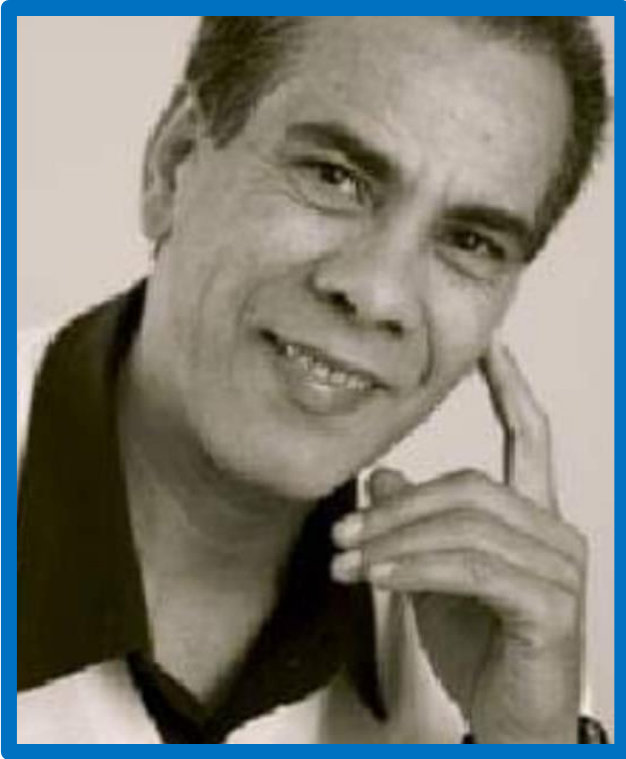
Andei, tão longe fui
Pra ver se te esquecia.

Caminhei por toda parte
E em toda parte estavas
Pra descobrir em vão
Que estavas em mim.



Mônica Abate Guglielmi é graduada em Administração de Empresas pela FGV e em Pedagogia na Claretiano. É voluntária da Fundação Dorina Nowill há 15 anos. É de suas vivências pessoais e do sentir o mundo que resolveu escrever o livro de poesias, **DE REPENTE, POESIA**, um registro de emoções e sentimentos, sob um ponto de vista essencialmente feminino, a ser compartilhado com seus leitores.

Três poemas românticos de José Rothadi



José Rothadi, é o pseudônimo de José da Silva Santos, escritor, poeta e professor, natural da capital de São Paulo, Brasil.

Rothadi é graduado em pedagogia com licenciatura plena, (UNIFESP – EFLCH). É autor de seis livros solos, e mais vinte e uma participações em antologias coletivas de poesias.

Participou dos eventos da 22^a, 23^a, 24^a e 25^a Bienal internacional do livro de São Paulo, respectivamente nos anos de: 2012, 2014, 2016 e 2018 quando lançou seus livros.

POEMA ACÚSTICO

Neste rasgar de sentimentos
Floresce minh'alma trêmula
De olhos postos no passado
Onde deleito em saudades vãs

Murmúrios, doces lembranças

Pincelando o teu sorriso

Na imensidão de um farol

Exalam o perfume do desejo

No horizonte dos pulsares

Num devaneio solto em mim

Reergo-me nestes sentires

Nas múltiplas faces da lua

Num rio de estrelas soltas

O amor se fez num olhar

José Rothadi

SINAIS ACRÔNIMOS

Deslizo na tua ausência...
No momento de nostalgia
Lascivamente me captura
N´alma desassossegada

Delineada de saudades...
Teimosamente em silêncio
A dissipar-me no âmago
Tangível ao meu passado

Em emoções aos ventos...
No encontro com meu “eu”
Abstraio os pensamentos

Permanecem os momentos...
No toque frivolamente
Na silhueta da razão!!!

José Rothadi

MUITO ALÉM...

Na incessante busca por mim...
Encontro-me nas rugas suaves
E nas cicatrizes do tempo
Mas o olhar continua sereno

Antes de tudo, depois de tudo...
Quando fustigadas a ausência
Ela tece bordados de saudades
Recolho-me, em meu naufrágio

Na sutileza frágil dos sentires...
Aflorando no acalanto da melodia
Ecoando ao redor dentro de mim

Em momentos, de tantas formas...
Onde transbordam estranhezas
Por fim... os ciclos se fecham!!!

José Rothadi

Espírito do Sol

Canalizações de Jean-Luc Ayoun



*Primeiro livro do canalizador francês
Jean-Luc Ayoun chega ao Brasil,
através da Editora Shantinilaya*

Editora Shantinilaya

Lançamento

Esqueça tudo o que lhe foi ensinado pelas religiões, todos os conceitos trazidos pela espiritualidade, criados sobre este mundo ou no astral.

O que você vai ler neste livro nunca foi dito a você, porque apenas lhe disseram sobre as projeções das consciências que viveram sobre a Terra.

ESPÍRITO DO SOL é um princípio que vem revelar quem realmente somos e trazer a evidência da verdadeira Vida. Ter acesso a essa literatura hoje é encontrar a chave que vai abrir portas para um novo olhar, para o verdadeiro despertar. É o início do processo para a reversão da alma para o Espírito.

Este e outros livros serão publicados pela Editora Shantinilaya, responsável por trazer as traduções dos originais franceses ao Brasil, mensagens canalizadas por Jean-Luc Ayoun. As obras serão vendidas com exclusividade pela Leitura Voo Livre.



O canalizador

Jean-Luc Ayoun nasceu na França e hoje reside na Espanha. É médico especializado em medicina chinesa e cristaloterapia.

Como médium canalizador, entrou em contato com vários seres que trouxeram ensinamentos e ajustes necessários a cada pessoa, com o propósito de facilitar o processo de despertar.

Entre esses seres, canalizou as mensagens de **Espírito do Sol**, compiladas nesta obra, que trouxeram uma abordagem completamente nova, tocante e transformadora em relação a tudo o que se entendia por espiritualidade, auxiliando na volta do humano ao seu estado natural, ao estado de Agapè.

Eliaquim Batista é paulistano, formado em Letras pela Faculdade Sumaré e pós-graduando em Gestão de Comunicação pela Universidade Metodista.

Profissionalmente, trabalha no mercado literário desde 2017 e em 2019 publicou o seu primeiro livro “Eu Sou Yanka” (Scortecci Editora).

É membro da União Brasileira dos Escritores, colunista da revista literária “Voo livre” e mantém sua página na internet, o Blog Vida de Escritor desde 2018.



Coluna do Eliaquim

Literatura Periférica - Parte 2

História – O nascimento do movimento literário

Dando continuidade na matéria anterior, vamos abordar a história da literatura periférica. Seu surgimento, principais autores que deram início ao movimento e características das obras.

O nascimento da literatura marginal, se deu em meados dos anos 1970, no Rio de Janeiro. Um grupo de jovens poetas de classe elevada, tinham como objetivo de seus trabalhos literários, criticar a sociedade como um todo, o problema da distribuição de renda e os governantes, isso em plena ditadura militar.

E a época em que o movimento surgiu, chama a atenção de muitos daqueles que estudam a cultura nacional. Pois músicas, programas de tv, peças de teatro, jornais, entre outros, eram censurados, grande característica da ditadura brasileira.

Já a poesia marginal não sofreu censura. Pois se via o gênero poético como algo muito romantizado e os militares não pensavam nos versos como uma forma de expressão, ainda mais avessa aos seus pensamentos.

Essa juventude ficou conhecida como poetas setentistas, poetas marginais, ou ainda geração mimeógrafo, pois os livros eram produzidos na garagem, no “quartinho dos fundos”, ou na própria casa desses jovens. Logo, os livros eram feitos de modo totalmente artesanal.

Depois de prontos, os livros eram vendidos de mão em mão. Na praia, na fila do cinema, na praça, no bar, em qualquer lugar, ou então em encontros de jovens, saraus, entre outros.



Era normal os cariocas serem abordados por um poeta marginal, e até comprarem um livro deles pela boa conversa, ou apenas para que não fossem mais atormentados, pois eles eram insistentes e assim, vendiam mil livros rapidamente.

Muitos se perguntam do nome literatura marginal. Ele se deu, pois esses escritores, estavam à margem de uma grande editora, mudaram a forma de se editar, produzir e vender livros. Como também, os temas e a linguagem abordados por eles, era algo que não era abordado pelos livros publicados da época.

Ao observar esse fenômeno e a conhecer o trabalho dessa “galera”, a professora de teoria crítica da cultura da UFRJ, Heloísa Buarque de Hollanda, hoje professora emérita, publicou a antologia “26 poetas hoje”, que trouxe a público o trabalho de alguns dos jovens setentistas.

O livro casou muita polêmica por trazer palavrões e por ser coloquial demais aos críticos e eruditos da época. Trazendo uma resposta aos anos de chumbo da ditadura, hoje é um livro de leitura quase que obrigatória aos amantes da boa poesia.



Entre os autores participantes, estão dois atuais membros da Academia Brasileira de Letras: Antonio Carlos Secchin e Geraldo Eduardo Carneiro. Como também, outros nomes que merecem destaque são: Chacal, Roberto Piva e Torquato Neto.



**Profa. Heloisa
Buarque de
Holanda**

Em 1990, a criminalidade e o tráfico tomavam conta das favelas do Rio de Janeiro de uma forma estrondosa. Diversos acadêmicos sérios, passaram a estudar o fenômeno e mais uma vez a professora Heloísa marcou sua presença no movimento, criando a UQ (Universidade das Quebradas), que existe até hoje na UFRJ.

A UQ é um programa de cultura avançada, que tem como objetivo levar para a universidade, universitários informais, que são líderes comunitários, artistas de rua, influenciadores das comunidades etc. A cada encontro, um professor ministra uma aula de um tema específico, e depois os alunos têm que apresentar o que entenderam e falar como viam aquele tema em seu dia a dia.

O artigo continua e na próxima edição da Revista Voo Livre, vamos conhecer como a literatura periférica chegou em São Paulo na década de 1990 e sua evolução até os anos 2000, até chegar os dias de hoje.

Dicas da Adriana

JARDIM DE OSSOS

Marli Walker



"Jardim de Ossos": poesia de desengasgo

Por Adriana Santiago

Como uma tempestade avassaladora, típica do Centro-Oeste brasileiro, com seus ventos fortes e nuvens cinza-chumbo, chega a nossas mãos, “Jardim de Ossos”, livro de poemas de Marli Walker, publicado pela Carlini&Caniato Editorial (MT).

Marli Walker é catarinense. Saiu de seu estado natal aos dezoito anos e foi morar no sertão de Mato Grosso, região em que viveu por mais de vinte anos (talvez dessa vivência, a origem da explosão positiva de sensações a que a poeta submete seus leitores, considerando a grandeza de tudo nos sertões: do calor, das devastações, das faltas e das abundâncias). Atualmente, a poeta e escritora reside na capital, Cuiabá, onde escreve e leciona no Instituto Federal de Mato Grosso (IFMT).

“Jardim de Ossos” é um livro que encanta “já de cara” pela beleza de sua capa “pintada” de borboletas com suas asas vazadas sugerindo muitos voos plenos de vida. Vida que se guarda através das lembranças. Memória de todos e cada um, o jardim de ossos de cada leitor ou leitora. Não só de flores e cores vivas se faz um jardim. A mesma beleza que forja um jardim colorido, reside em um jardim de cores ocre de terra, um verdadeiro memorial. Os ossos e suas histórias ali contidas, tantos segredos, tantas alegrias, lamentações, tristezas, murmúrios, mistérios, pecados inconfessáveis. Tudo isso guarda um “Jardim de Ossos”.

**Adriana Santiago
é jornalista, escritora,
poeta.**

**É também a colunista
da nossa revista
responsável pela
Coluna Dicas da
Adriana, com dicas
excelentes de leitura.**

**Aqui está o que
ela nos reserva para
esta edição: Jardim de
Ossos, de Marli
Walker.**



O peso e a história de todas as mulheres que antes vieram e história fizeram. Deram origem a tantas vidas. O ventre da mulher, nascedouro de histórias infinitas. Marli Walker descreve as marcas da ancestralidade na alma:

***“meus ossos minerais
carregam várias mulheres
sinto-as todas
(antigas e constantes)
sobre a coluna cervical
...
são tantas mulheres
Em meus ossos paleolíticos”
(trecho do poema “Primitiva”,
p.14)***

Na condição de mulher “que não morrerá engasgada com pedaço de osso/atravessado na glote”, a poeta usa o verbo e todo seu repertório para cantar e denunciar as noites intermináveis que encobrem esse mundo, antes e agora, que vive por um fio do abismo “umbral de pedra abocanhando o mundo.”

***“(...) entre um sinal e outro
artículo***

O verbo

***Conforme os tempos (e
modos)***

Reforço a armadura”

***(trecho do poema “Verbo”,
p.30)***

O espanto, a capacidade de empatia permeia toda a obra, chamando a atenção do leitor que não se deve acostumar com o que não é belo, com o que não é sonho e não deve fazer parte da vida. Não faz parte da paisagem. É preciso denunciar. O nó da garganta deve ser grito. As indignações são postas pra fora, seja em qual âmbito da existência, seja individual ou coletiva. O espanto está ali, seja diante da galinha morta exposta sobre a mesa para o jantar ou diante de um amor “estrangulado” sobre a mesa da cozinha. Diante do apocalipse ou do espectro da besta.

Marli Walker versa estrelas, taças de vinho, romances, amores - bem servidos ou não, canções, auroras e poentes, beijos e maçãs. E tempos inglórios de arrepios na espinha. Amplo leque de escolhas, retalhos que compõem a grande colcha que cobre o ocre de terra, o acre azinhavrado gosto de mundo que sofre com o espectro cinza do umbral.

Vale desvendar esse jardim!



Marli Walker

Nasceu em Santa Catarina, de onde saiu aos dezoito anos para o sertão de Mato Grosso, região em que viveu por mais de vinte anos. Hoje reside em Cuiabá, onde escreve e leciona no Instituto Federal de Mato Grosso (IFMT).

Publicou os livros de poemas *“Pó de Serra”* (2006/2017); *“Águas de encantação”* (2009), selecionado pelo edital da prefeitura de Sinop; *“Apesar do amor”* (2016), contemplado pelo edital do MEC para o PNLD/2018: o romance *“Coração Madeira”* (2020); e a obra de pesquisa e crítica literária *“Mulheres Silenciadas e Vozes Esquecidas – Três séculos de Poesia Feminina em Mato Grosso”* (2021).

O escritor Dias Campos tem agora sua coluna em nossa revista.

Ele vai compartilhar conosco suas famosas e premiadas crônicas, que circulam por aí nos meios literários.

Uma nova crônica a cada mês. Aproveitem a leitura!



O prazer da boa leitura

Que colheita queremos?

Sentado junto à janela, indo e vindo na cadeira de balanço, Américo dividia o olhar entre os passantes e o relógio da parede. Seu sobrinho demorava a chegar, e a ansiedade o torturava sem trégua.

E nesse turbilhão em que se encontravam seus pensamentos, uma dúvida insistia em se fazer ouvir: Júlio falara sério quanto a tirá-lo do asilo?

De vez em quando um enfermeiro encostava-se à ombreira da porta, desejava muitas felicidades pela mudança de lar, e despedia-se sorridente, carinho esse que aumentava a sua esperança.

De quando em vez um outro idoso aparecia, lembrava-o dos momentos de mútua consolação, mas se afastava entristecido, revelando não ter sido ele o favorecido pelo destino.

E ao mesmo tempo em que uma lágrima já se ia mostrando, os olhos do rejeitado conseguiam distinguir ao longe a figura do sobrinho, que entrava apressado pelo portão principal.

Ante a promessa que se cumpria, o pobre tio não conseguiu conter a emoção que despontava, e chorou de alegria como aquela criança que, muito pobre, acaba enfim ganhando o presente que há muito pedira para Papai Noel.

Assim que entrou no quarto, Júlio deparou-se com o esforço do tio a tentar levantar-se. Ele só tinha um pensamento: Precisava abraçá-lo!

O sobrinho, então, tratou de acalmá-lo, e conseguiu reafirmando que o levaria para morar em sua casa.

As lágrimas, porém, não deixaram de fluir, sobretudo quando Américo soube que o quarto em que iria ficar tinha sido preparado com esmero, deixando à criatividade infantil de seus sobrinhos-netos alguns toques à decoração, e tudo sob a supervisão de sua mãe, Patrícia.

O atraso, justificou-se Júlio, deveu-se a um pneu furado, ao esquecimento quanto à reposição do macaco que furtaram, e à ausência de uma borracharia nas proximidades.

Mas como tudo acabava bem, Américo nem pensou em comentar, e ofereceu os braços e um sorriso ao sobrinho, a quem enlaçou com a

gratidão dos náufragos recém-salvos.

Como as poucas malas de Américo já estavam prontas desde o dia anterior, ao sobrinho restava apenas levá-las para o carro. No entanto, assim que Júlio para elas se virou, demonstrando a intenção de apanhá-las, seu tio indagava se ainda cheirava flores.

A pergunta, que à primeira vista parecia descabida, amalucada, tinha sim razão de ser. E como respondesse afirmativamente, seu tio pediu que esperasse um pouco e que se sentasse ao seu lado; queria conversar.

Júlio estranhou em princípio. Afinal, deduzia que o maior desejo de seu tio era sair daquele asilo o mais rápido possível. No entanto, por respeito e por um quê de curiosidade, acabou fazendo o que pedia.

Américo tornou a olhar pela janela. Sua visão, entretanto, perdia-se, como se não houvesse um primeiro plano. As pessoas apressadas, os carros barulhentos, as casas envelhecidas, os raros prédios que despontavam... tudo não mais existia. O que via? O passado. E foi sobre isso que começou a falar.

Lembrava-se do seu único irmão, o caçula Armando, falecido há

quase cinco anos. Se bem que fossem unidos, um era o oposto do outro. Américo era intrépido, desmesuradamente ambicioso, e na quase totalidade das vezes só olhava para o próprio umbigo. Armando era um pouco tímido, comedido, e sempre perguntava se da comida servida à mesa a empregada lembrara-se de separar a sua quota; preocupação essa sempre criticada pelo primogênito.

É claro que essa disparidade fez diferença nas vidas dos irmãos. Assim, o mais velho preferiu a área financeira, conseguindo um excelente emprego em um poderoso banco de investimentos. Já Armando preferiu as humanidades, e foi aprovado em concurso público como professor de literatura.

Ambos fizeram carreira. Américo galgou a sua com extrema competência, chegando a conquistar o ambicionado – e invejado – cargo de diretor para a América Latina; se bem que, para obtê-lo, foram necessárias também uma e outra rasteiras em seus concorrentes, prática essa silenciosamente admitida na instituição a que se dedicou, haja vista a estimulante competitividade de que se embebem os que nela estão dispostos a vencer.

Armando, ao contrário do irmão, jamais admitiu passar a perna em quem quer que fosse. E se chegou a tomar posse do último cargo que o ensino permitia, exerceu suas funções com a probidade e a honradez que sempre o caracterizaram. Aposentou-se com os proventos a que tinha direito e encarou a inatividade como sempre viveu – imanente às belas-letas, sem luxo nenhum, e com uma sobriedade que poucos chegaram a conhecer.

Mas muito antes de se aposentarem, prosseguia Américo, era natural que os irmãos quisessem transmitir aos filhos as suas maneiras de encarar a vida. E como suas eleitas eram almas afins, partilhando, portanto, dos mesmos gostos e interesses, Júlio e o primo Pedro receberam em dose dupla os valores cultivados por seus pais.

Daí que enquanto Pedro ganhava, por exemplo, espadas e revólveres de plástico, além de joguinhos de *videogame* em que as lutas e a violência são um fim em si mesmas, e tudo para que sua coragem fosse despertada e ele tivesse plenas condições de sobreviver na selva de pedra, Armando preferia presentear a Júlio com brinquedos educativos, sem,.



contudo, ter a pretensão de isolá-lo dos avanços cibernéticos; apenas que nunca relaxava quanto ao conteúdo que entregaria ao filho.

De outra parte, Américo incutia no filho os sentimentos que sempre o moveram, e que, segundo pensava, foram a razão mesma do seu sucesso – a ambição desmedida e o egoísmo travestido de previdência. Se quisesse sempre mais, e se pensasse em primeiro lugar em si mesmo, tudo conquistaria e tudo preservaria.

Portanto, se amava Pedro, tinha o inabdicável dever de ensinar a melhor maneira de se comportar, pois se o filho não agisse dessa forma, perderia para os outros tudo aquilo que o mundo dispunha à venda.

Por seu turno, Armando alicerçava em Júlio as suas regras do bom viver. Ensinava, entre outros valores, o respeito para com todos, a importância das amizades verdadeiras, a postura ética intransacionável, e o amor pela natureza.

Júlio era aluno aplicado. E entre as muitas lições aprendidas de Armando, o amor pelas flores representava o *feedback* mais gratificante, o espelho que melhor refletia a afinidade entre pai e filho.

Aliás, justamente por ser algo natural, espontâneo, essas demonstrações de amor aconteciam onde quer que estivessem, pouco importando se outros olhos os vigiassem e lhes endereçassem críticas ou sarcasmos. Assim, durante um passeio, por exemplo, se Armando visse uma linda flor, parava diante dela, tomava-a com cuidado, sorvia o perfume, e a oferecia ao filho. E Júlio imitava seu pai com o mesmo entusiasmo. Depois, trocavam impressões.

Ora, como é natural, os irmãos às vezes combinavam de se encontrar em algum lugar, fosse para matar as saudades e colocar as conversas em dia, fosse para que os primos pudessem conviver e estreitar os laços de amizade. Por isso, em mais de uma vez Américo teve o desprazer de presenciar aquelas manifestações de amor. E em nenhuma delas fez questão de camuflar a zombaria que de seu espírito emergia.

Se Armando percebia a atitude do irmão – e não foram poucas essas vezes –, relevava, pois o compreendia e o amava.

Uma tarde, no entanto, marcaria Américo para o resto de sua vida; daí a pergunta que fizera ao sobrinho, sobre se ainda gostava de cheirar flores. Foi em um feriado de sete de setembro, em que, por ser de apenas três dias, ninguém se dispôs a pegar a estrada.

Os primos brincavam juntos de super-heróis e um pouco afastados do piquenique onde estavam seus pais.

Dessas aventuras passaram ao pega-pega, sendo que Júlio era quem fugia. Em determinado momento, ele, que já abrira uma boa vantagem sobre Pedro, viu à frente uma touceira apinhada de jasmims-do-poeta.



E como conhecesse essa planta, Júlio esquecia-se de correr e parava diante da moita, haurindo o máximo que podia da marcante fragrância.

Pedro parava também; menos pelo cansaço do que pela curiosidade em saber o que fazia o primo.

- Vem, Pedrinho, cheira. É uma delícia!

Não que Pedro nunca tivesse sentido um perfume... Aliás, sua mãe era fã incondicional dos franceses. No entanto, Américo sempre dissera que cheirar flores era coisa que nenhum homem deveria fazer, e, portanto, era terminantemente proibido copiar o comportamento do primo.

Mas aos perfumes das flores pouco importam as ameaças paternas. Dessa forma, à medida que Pedro se aproximava, aquele aroma inebriante mais e mais o envolvia, fazendo daquela proibição o mesmo que fazem os homens de gênio aos que não compreendem suas atitudes: Pede-se a Deus para que um dia cresçam.

Dessa forma, apesar do que aprendera com o pai, Pedro experimentava um ato simples, natural e muito prazeroso, e a ele se entregava sem nenhuma resistência.

Depois que se satisfizeram, Júlio pegou de umas flores caídas

sobre a relva e disse que as levaria como presentes. Pedro gostou da ideia, mas preferiu arrancá-las dos ramos.

Bem diferentes foram as reações dos respectivos pais. Enquanto Armando e Dulce se encantaram com o gesto de Júlio, e passaram a sorver cada um a sua flor, Américo e Beatriz, entreolhando-se e deduzindo o que tinha acontecido, reprovaram com seus semblantes os presentes que Pedro trouxera, e fizeram sinal para que os jogasse fora.

- Você chegou a perceber essa minha atitude, Júlio? – perguntou o tio, com o coração oprimido.

- Olha, tio, faz muito tempo... Eu não me lembro. Mas isso é passado; para que lembrar?

- Pois eu digo a você, meu sobrinho, que só há pouco tempo eu compreendi o enorme poder que está contido no singelo ato de tomar de uma flor, ter sensibilidade para apreciar-lhe a beleza, e ter o inefável prazer de sentir a delicadeza do seu perfume!...

Júlio compadecia-se ainda mais do tio. Mas não teve tempo para sequer ensaiar uma palavra de consolo, pois Américo continuava a relatar aquela tarde memorável, com voz pausada, braços largados e olhar perdido.



- E o episódio do sorvete? Com certeza você se lembra dele?

A comida que trouxeram já terminava, mas o apetite dos priminhos permanecia. Assim, Dulce sugeriu que se comprassem picolés. E nem se precisa dizer que a ideia foi aceita com clamor; e não somente pelas crianças!

Em determinado momento, Pedro, que escolhera o sabor uva, pediu ao primo para experimentar o que ele lambia, um picolé de abacaxi. E Júlio o ofereceu com a maior naturalidade.

Ora, é óbvio que Júlio quis provar o outro sabor.

- Lembra-se, Júlio, o que faltou ao meu filho quando deixou que você experimentasse o sorvete?

Não que Júlio não soubesse a resposta, pois ele também se lembrava daquele fato, bem como o de muitos outros em que as índoles dos primos foram postas às claras e se entrechocaram. Mas o momento exigia do sobrinho a caridade do escutar, deixando ao tio o alívio da confissão.

- Pois eu mesmo respondo, meu sobrinho. O que faltava em Pedro, e que em você havia de sobra, era a espontaneidade...

Américo ainda falou por mais uns quarenta minutos, tempo suficiente para que ele mesmo percebesse que era hora de parar.

Júlio pegou a bagagem do tio e ambos caminharam para a saída. E neste pequeno trajeto, se muitos foram os tapinhas nas costas que Américo recebeu, entremeados por sinceros desejos de felicidade, uma simples pergunta – feita de boa-fé, mas muito infeliz – repercutiria no gasto e ferido coração, e por todo o percurso até o novo destino:

- Aquele que é o filho do Américo?

Ao embicar o carro defronte ao portão de entrada do novo lar – um sobrado simples, confortável e bem conservado –, Júlio, como de costume, deu duas rápidas buzinas, a fim de anunciar que tinham chegado.

Américo, que já sorria, estranhou a ausência de recepção e o completo silêncio. Afinal, e pelo que soubera de Júlio, Patrícia e os filhos estavam ansiosos por recebê-lo.

Fosse como fosse, atravessaram quietos o jardim. Júlio foi à frente, carregando os pertences do tio e se esforçando para não dar bandeira; Américo, um pouco atrás, caminhando devagar porque bastante envergonhado.

Júlio abriu a porta com a maior tranquilidade. Pôs as malas no chão e deu passagem ao tio. Américo entrava calado, de olhos baixos e com uma certa palpitação.

Mas quando Júlio fechou a porta, a deixa se verificou; e Patrícia e os filhos surgiram berrando de onde se tinham escondido.

Tamanha foi a algazarra, e tão desconcertante foi a surpresa com que o receberam, que Américo, profundamente impressionado, implorou por um sofá, pois que já não mais sentia as próprias pernas.

Acudido com abanos e um copo com água e açúcar, Américo conseguiu se restabelecer. Mas não por muito tempo, pois logo caiu em prantos, o que refletia a emoção que dele se apossara.

Júlio e Patrícia comoveram-se, e sorriram. As crianças também sorriam, por pouco que entendessem o que acontecia.

Passada a emoção, reaprumando-se Américo, e todos passaram às boas-vindas, o que deixou o mais novo integrante da família muito feliz, pois se sentia querido, respeitado, amado.

Logo depois, Júlio, Patrícia e as crianças conduziram Américo para o seu novo quarto. E quando abriram a porta, e ele pôde ver o aconchego que.

o aguardava, seu rosto se transfigurou de tal maneira, que nenhum adjetivo seria bastante para qualificar a alegria que irradiou, o que a todos emocionou e fez umedecer os olhos do casal.

Américo pediu para ficar um pouco a sós, a fim de que pudesse lavar-se, guardar a roupa, ajeitar-se. E foi atendido.

Mas como a tarde chegava, e já se ouviam um e outro barulhos vindos dos estômagos infantis, Patrícia avisou que iria preparar o lanche, hábito que cultivavam aos sábados, em substituição ao jantar. E assim que estivesse pronto, ela o chamaria.

Ele agradeceu com um terno sorriso.

Américo entrou no banheiro anexo, olhou-se no espelho, e suspirou. Abriu a torneira, e molhou-se demoradamente. Em seguida, e a cada enxaguada, a água como que o desintoxicava, carreando ralo adentro todos os erros que cometera em sua vida.

Depois, fechou a torneira, secou-se, e voltou a mirar-se no espelho. E via, e finalmente aceitava, o seu reflexo a lhe jogar na cara aquilo que ele nunca admitiu, sobretudo depois que Beatriz se foi: Tanto estimulou no filho a ambição e



o egoísmo, que outro não poderia ter sido o seu fim, quando Pedro dele se cansou.

Américo saía do quarto antes mesmo que Patrícia viesse chamá-lo. E se andava circunspeto, caminhava também decidido, e o fazia pondo uma pá de cal sobre o seu passado. Até porque, se sabia que Pedro mudara-se para o exterior, não suspeitava em qual país ele se fixara.

Ao lanche, pode-se afirmar que nunca um pãozinho com manteiga e uma xícara de café com leite foram tão saborosos, tão prazerosos quanto os que Américo comeu e bebeu – e repetiu! –, uma vez que o seu apetite vinha estimulado pelo verdadeiro carinho familiar.

Conversaram sobre diversos assuntos, tanto à mesa quanto na sala de estar; menos sobre o passamento dos pais de Júlio, o que ocorreria se e quando as crianças não estivessem presentes. Aliás, Américo ofereceu-se para contar histórias para os meninos antes que fossem dormir, o que deixou Júlio e Patrícia muito contentes.

Ora, como um tema seguia-se ao outro, os adultos nem perceberam que as crianças tinham sumido. E só se deram conta quando o mais velho, de oito anos, os interrompeu dizendo:

- A gente trouxe pro senhor. - Cada um segurava, nas pontinhas dos dedos, um jasmim-do-poeta recém-caído sobre a grama.

Bem que gostaríamos, mas até mesmo aos anjos seria impossível descrever a sensação que se apossou de Américo, assim que sorveu, pela primeira vez, aquelas pequeninas e delicadas flores.



Espaço Infantil



**Mirian Menezes de Oliveira
Vem nos apresentar o seu
instigante livro Por Quê?**

Quer entender a vida?

Pretende obter respostas?

Este sinal tão “tortinho”

De muitas perguntas gosta...

Assim começa o livro de Mirian Menezes de Oliveira, escrito e ilustrado por ela, indicado para crianças menores, como incentivo à Filosofia.

Diversos são os caminhos

Que podemos escolher

Neles há sempre pontinhos

Geradores do Saber

“POR QUÊ?” é um singelo livro infantil, que se resume ao próprio título. Pode ser considerado como breve iniciação ao universo questionador do ser humano... ou... a tentativa de filosofar sobre o cotidiano... talvez, ainda, a validação dos porquês, inerentes à infância... É livro infantil? Ou destinado a leitores de todas as idades? Quer entender a vida? Pretende obter respostas? Por quê? Com quem? O que será? Com tantas perguntas assim, que respostas você terá? Por Quê?

Você encontra na
Livraria Asabeça

POR QUÊ?

TEXTO E ILUSTRAÇÕES
MIRIAN MENEZES DE OLIVEIRA



Série Literária

**TUDO
FOI
VIVIDO**

Romance de
Marina Marino

Capítulo 8: O reencontro, afinal

A frase “Você está sendo chamada” não saía da mente de cada uma daquelas quatro mulheres espalhadas pelo mundo. Por onde fossem, só pensavam nisso. Que chamado seria aquele? Para onde deveriam ir?

Talvez tenha sido a Inteligência que rege a vida, mas o fato é que, de repente, elas começaram a recordar de uma época passada. Tudo aconteceu diante de uma fotografia de um pitoresco porto medieval, o porto de Dinan, na Bretanha.

A jornalista Nérís viu a foto na vitrine de uma agência de turismo, enquanto caminhava pela 5ª Avenida, em Nova York, naquele domingo.

A fotógrafa coreana Hae-Won ficou encantada ao ver a fotografia num catálogo eletrônico da iStock, e tratou logo de buscar mais informações sobre o lugar.

Ainda no mesmo domingo, a médica sul-africana Savannah apreciou a imagem em uma revista de turismo que encontrou na biblioteca de seu avô.

E a brasileira Zenaide encontrou a imagem em uma folha de jornal, que embrulhava o peixe que ela trazia do mercado de Niterói.

Dinan é uma cidade pequena, com cerca de apenas 12 mil habitantes. Visitá-la será uma agradável surpresa para essas mulheres, pois o que foi vivido, seja lá em que época tenha sido, permanece sempre gravado no coração. Ao caminharem pelo porto, por suas ruas de traçado medieval e sua arquitetura de outros tempos, certamente elas recordariam a história inteira.



No final daquele domingo, uma vontade de viajar para longe foi surgindo em cada uma delas. Algo as estava chamando e queriam saber o que era.

A memória ia se abrindo, lançando lampejos de lembranças. Um perfume, um som de água, uma textura de pedras, uma música da flauta, peças de um quebra-cabeças que elas haveriam de montar.

Adormeceram com aquela sensação de que havia algo a ser feito e, ao amanhecer, trataram de organizar uma viagem. Destino: Bretanha.

Cada uma partiu de sua cidade em dia e horário diferente, mas na sexta-feira seguinte, todas já haviam chegado à cidade, vindas dos quatro cantos do mundo.

Chad já as esperava, na praça principal, onde naquela noite haveria uma festa típica do local em homenagem aos antepassados, com música antiga e danças de roda.



Não poderia ser data melhor. Ela esperava que todas aparecessem, mas se preocupava se iria reconhecê-las...

Eram 16 horas e as pessoas foram chegando, a praça já estava quase lotada. O mestre de cerimônias anunciou o início das celebrações e acendeu a fogueira.

Fazia frio e Chad foi se aproximando do fogo, as chamas aumentaram depressa, mas ela pode ver que outras mulheres também se aproximavam rodeando a fogueira. Sentiu um aperto no estômago, o coração disparou. roda.

“Seriam elas?” – pensou – e quase imediatamente ela tirou uma caixa de música de sua mochila, apoiou-a num banco feito de tronco de árvore e deu corda.

No mesmo instante, cada uma das quatro mulheres fizeram o mesmo: Néris, Hae-Won, Savannah e Zenaide.

Elas estavam ali, finalmente juntas. A música antiga das caixas de música tocou em uníssono. Todas se entreolharam. Sabiam que haviam se encontrado. Deram-se as mãos e dançaram em torno da fogueira, como faziam antes, muito tempo atrás. O fogo as separou e agora as uniu novamente.

As lágrimas rolavam pelos seus rostos. Elas giravam cada vez mais rápido. Não se conheciam nesta vida, mas entenderam que já tinham se visto muito, muito tempo antes, com outros corpos, outras cores de cabelo, outros nomes.

Enquanto dançavam e rodopiavam, uma celebração começou no lado invisível também. Os seres da natureza, que com elas conviveram, estavam ali para comemorar o reencontro.



Então todas se sentaram e Chad contou tudo o que sabia sobre a vida que viveram juntas, como foram separadas e como teve a ideia de enviar as caixas de música.

Aos poucos cada uma foi se recordando também. Nérís lembrou-se das cavalgadas na floresta, Hae-Won da aldeia em forma de círculo, Savannah relembrou do velho freixo enorme que havia por ali e Zenaide lembrou-se das curas.

Juntas choraram ao recordar a fogueira, os homens as chamando de bruxas, as maldades a que foram submetidas.

Desde então, nunca mais se viram, mas viveram tudo o que se podia ser vivido em corpos femininos, ao longo dos séculos, boas e más experiências.

As cinco mulheres perceberam que tudo foi vivido para que pudessem despertar para o que realmente são: almas livres e eternas.

Reunidas, a partir de agora, serão mais fortes e poderão distribuir seu dom por onde andarem, para quem encontrarem. Afinal, o feminino não é apenas um gênero, é um estado de alma sensível, leve e viva, que tem o dom da cura, da libertação e do Amor.

Já era noite, mas elas adentraram na floresta, precisavam sentir o cheiro da relva molhada, ouvir o riso dos elfos, sentir o perfume das fadas. E sentiram-se abraçadas pelas colinas. Como tinham saudade de tudo isso.

Ali sobre aquele solo sagrado as antigas bênçãos, que ouviam dos antepassados, faziam todo o sentido:

“Que teu coração se preencha com tudo o que desejas,

Que o infortúnio seja breve,

Que te torne rica em bênçãos,

E que não conheças nada além de alegria, deste dia em diante.”

E assim foi. O que aconteceu depois, deixo aos leitores concluírem. Planos? Mudanças? Mais viagens? A imaginação poderá levá-los a lugares inesperados, ao encontro de almas lindas e cristalinas que, onde quer que estejam, distribuem paz e bênçãos.



Fim

O ebook **TUDO FOI VIVIDO** já está disponível na **Livraria Voo Livre.**

Tirinha

TOM DUTRA Apresenta

TOM SOBRE TOM

EM 2018 EU SALVEI DEZENAS DE VIDAS LUTANDO CONTRA VILÕES!



EM 2019 EU SALVEI CENTENAS DE VIDAS EVITANDO DESASTRES NATURAIS!



EM 2020 EU SALVEI MILHARES DE VIDAS USANDO MÁSCARAS, ÁLCOOL EM GEL E, PRINCIPALMENTE, FICANDO EM CASA!



Tom Dutra é ator e é formado em Artes Visuais. Além disso, faz desenhos e tem dificuldades em dizer se é cartunista, quadrinista, desenhista ou ilustrador.

É apaixonado por animações e quadrinhos. Coleciona trilhas sonoras de desenhos animados e é comum encontrá-lo na rua cantarolando essas músicas.

Nesta coluna, Tom traz suas famosas tirinhas, falando sobre o cotidiano, com humor e arte.

Seja bem-vindo Tom!





Nossa Equipe

Colunistas:

ADRIANA SILVA SANTIAGO
ALDIRENE MÁXIMO
ELIAQUIM BARBOSA
DIAS CAMPOS
TOM DUTRA

Autores convidados:

JOSELMA NOAL
MONICA ABATE GUGLIELMI
JOSÉ ROTHADI
MIRIAN MENEZES DE OLIVEIRA

Editora:

MARINA MARINO

Direção de Arte:

MÁRCIA GAUSS

Jornalista Responsável:

FÁBIO RUOCCO

Pesquisa e diagramação:

EQUIPE EDITORA VOO LIVRE

Fotografias e Ilustrações:

CEDIDAS PELOS AUTORES
FREEPIK.COM

**Copyright©Voo Livre Revista
Literária**

1001/1-58/2021

Contato:

marina@livrariavoolivre.com.br

SOBRE A REVISTA:

A **Voo Livre Revista Literária** surge num momento em que o meio literário brasileiro está carente de novas ideias para divulgar autores e livros. Quem escreve sabe que os custos para publicar e divulgar suas obras são muito altos e que praticamente não há respaldo das editoras nessa tarefa.

Rebatendo a velha ideia de que “*brasileiro não lê*”, sabemos que os leitores estão em todos os cantos, ávidos por conhecer as histórias e poemas que são criados por nossos escritores tão criativos, basta que autores e leitores se encontrem de alguma forma, e isso pode ser presencial ou virtual.

Diante dessas questões, que afligem quem participa do mercado doméstico de livros, a **Voo Livre Livraria e Editora**, estabelecida desde 2015 em São Paulo, com uma história de divulgação de autores alternativos e seus livros desde seus primórdios, decidiu arregaçar as mangas e criar uma forma diferente de apresentar os atuais escritores a um novo público.

SOBRE O CONTEÚDO:

Preparada pela escritora, editora e livreira **Marina Marino** e pelas colunistas **Adriana Santiago, Aldirene Máximo, Eliaquim Batista**, além de autores convidados, a revista é mensal e contém diversas colunas, com o objetivo de divulgar vários autores ao mesmo tempo, garantindo assim um conteúdo de excelência, para a fidelização dos leitores.

Até o próximo número!

